

Meu Tipo Inesquecível

Helen Graham Rezatto

PRECISO visitar um cliente—disse-me Dr. Lynde.—Você quer vir comigo?

—Quero sim, Doc!—exclamei.

Tôda a garotada de Ellendale, na Dacota do Norte, disputava o privilégio de acompanhar Doc em suas visitas, e dessa vez, eu, uma menina de 10 anos, passara à frente dos adolescentes.

Depois de anunciar em casa a grande novidade, corri de volta para a garagem de Doc. Dr. Roy Lynde dividia seu amor entre a Medicina e a Mecânica, e era sócio de seu irmão, Guy, na agência de vendas da

Plymouth-Chrysler da cidade. Era uma construção de alvenaria de dois andares, com a loja e a oficina de mecânica no andar térreo. No andar de cima, Doc morava em seu apartamento de solteiro e tinha o consultório.

Êle já estava esperando por mim, e partimos de automóvel pelas planícies, em direção aos montes Co-teau-Misúri. Isso foi no outono de 1930, e o país atravessava uma grande sêca. Ao passarmos pelos campos assolados, eu via infindáveis nuvens de poeira—que já havia sido solo arável—empilhando-se contra as cêrcas.

Às vezes, gafanhotos cobriam o caminho; quando as rodas passavam sobre êles, ouviam-se estalidos secos e o carro derrapava um pouco. Conversamos sobre a sêca, sobre a escola e os professôres, sobre o time de futebol. Eu falava como se êle tivesse 10 anos, êle me respondia como se eu tivesse 55. Entendíamo-nos perfeitamente.

Por fim, paramos diante da casa de um sítio; saíram um homem e uma mulher vestidos com roupas desbotadas e remendadas. Dentro, encontramos um menino, mais ou menos da minha idade, de cama. Sofria de uma doença do sangue e estava horrivelmente pálido, mas, ao ver-nos, seu rosto iluminou-se. Doc tomou-lhe a temperatura, cutucou-o, apalpou-o, falando todo o tempo num jôgo de basebol a que assistira recentemente. Afinal despejou umas pílulas num envelope, que entregou à mãe ansiosa.

—Sabe o que vai fazer você ficar bom de vez?—disse Doc.—Baba-de-sapo.

O menino deu uma exclamação de alegria.

—Faça o que sua mãe mandar, e quando estiver bastante forte para sair, arranje um pouco de baba-de-sapo, ponha-a no dedo médio da mão direita, e verá como vai sentir-se bem disposto.

Quando íamos saindo pela cozinha vi o fazendeiro apanhar numa prateleira um pote de vidro para compota, cheio de moedas até à metade. Doc também viu, e empurrou-me porta afora.

—Da próxima vez!—disse êle por sobre o ombro.—Da próxima vez.

Enquanto nos afastávamos no carro, Doc resmungou:

—Que doido varrido. O último dinheiro de que dispõe neste mundo e queria desperdiçá-lo.

Quem não conhecia Doc Lynde, achava-o às vezes um sujeito de maus bofes. É verdade que tinha bôca de cantos caídos, o queixo tinha algo de buldogue e dizia muito “inferno” e “diabo”—duas palavras pouco usadas na nossa cidade luterana e metodista. Mas bastava olhar seus olhos para ver nêles a alegria. Era amigo de tôdas as crianças, e dos adultos também.

Doc não tinha horas de consultório; estava disponível 24 horas por dia. Em 1900 o povo de Ellendale ia cedo para a cama, mas a qualquer hora da noite, na cidade obscurecida, podia-se vislumbrar um quadrado de luz: a janela de Doc. Isso era para dizer-nos que tinha sono leve e estava sempre pronto a atender a qualquer necessidade. Isso proporcionava a todos um sentimento de segurança.

Sabendo que a sua presença à cabeceira de um doente era boa terapêutica, Doc visitava as casas sem levar em conta distância ou dificuldade. Lembro-me que, num dia de janeiro, durante uma terrível neva-da, o capataz das estradas de rodagem irrompeu no escritório de advocacia de meu pai, abanando incrêdulo a cabeça:

—Sabe o que Doc acaba de fazer? Entrou lá na garagem do departa-

mento e disse que tinha de ir à fazenda de Schmidt e queria que eu lhe cavasse um caminho até lá. Respondi que aquela estrada era secundária e que eu mal dispunha de homens suficientes para manter abertas as estradas principais. Quando dei fé, êle havia pulado para uma das escavadeiras, partindo em meio à tempestade. Êle tem uns 30 quilômetros pela frente e até hoje nunca manejou uma escavadeira de neve.

—Mas êle chegará lá—disse meu pai.

Doc chegou mesmo. E repetiu a façanha durante outra tempestade, alguns invernos depois. Dessa vez tomou emprestado um vagonete e o vimos avançar pelos trilhos da estrada de ferro, tocando a alavanca a tôda a velocidade, para visitar um doente na zona norte do condado. Já era meia-noite quando voltou para casa e pela mesma condução.

A maneira de Doc lidar com os clientes era sem igual. Entrava no quarto fazendo brincadeiras ou contando anedotas, e nunca dava ao doente a oportunidade de desfiar queixas. Mas, durante todo o monó-

logo, examinava, apalpava, observava, analisava meticulosamente. Sua teoria era a de que, se desse a impressão de levar a sério os sintomas, o enfêrmo se imaginaria ainda mais doente do que realmente estava.

Na realidade, a capacidade de diagnosticar de Doc era espantosa, e, em matéria de tratamento, êle estava mais avançado do que sua época. Fazia massagens em vítimas da paralisia infantil antes de jamais ter ouvido falar na Irmã Kenny, e recomendava exercícios moderados para aquêles que sofriam de trombose quando outros médicos só receitavam repouso na cama. Hipocondríacos e doentes ima-



Dr. Roy Lynde

ginários eram, porém, tratados sem muitos rodeios. “Para o inferno”, dizia êle a um dêsses pacientes, “quisera *eu* ter o seu coração!”

A oficina dos irmãos Lynde era ponto de reunião para a criançada, depois das aulas. Deliciávamo-nos com as peças que Doc e seus companheiros pregavam uns nos outros. Ríamos quando êles riam, e sentíamos-nos adultos. Doc sempre nos tratava como se tivéssemos bom-senso,

e opiniões que mereciam ser ouvidas.

Sendo o maior fã de esportes da cidade, Doc, sempre que possível, não perdia um só jôgo das escolas secundárias. Quando as partidas se realizavam fora da cidade, enchia seu carro com a meninada e lá íamos torcer por Ellendale. Quando ficávamos mais velhos, Doc emprestavamos carros de sua agência novos em fôlha para fazermos passeios e assistirmos a jogos esportivos fora da cidade. (Até hoje êle mantém um seguro especial para cobrir êsses empréstimos.) Nunca nos dizia “tenha cuidado”. Dizia: “Leve o carro e veja se é realmente bom.” E como êle confiava na nossa responsabilidade, éramos responsáveis.

Nunca tive um acidente com um dos carros de Doc, mas tive com o de meu pai. Amassei o pára-lama num poste de telefone, depois levei o carro para a oficina de Doc e desatei em pranto.

—Que diabo—disse êle.—O estrago não foi tão grande assim. Vamos consertar isso e seu pai nunca vai saber.

Êle e Alvin, seu mecânico, puseram-se a trabalhar no pára-lama, que ficou liso e lustroso, e meu pai nunca soube de nada. Tudo de graça, naturalmente.

A Confeitaria Ray era outro ponto de reunião onde íamos tomar refrescos depois da escola. Sempre que Doc aparecia por lá, tôdas as mesas clamavam pela sua presença. Certa vez parou diante da mesa em que eu e mais sete pequenas nos comprimía-

mos, olhou diretamente para mim (ou assim julguei eu) e disse:

—Diabo de coisa engraçada essa. As meninas que eu fiz vir ao mundo ficam sempre as mais bonitas.

Enrubesci de prazer e orgulho, mas de repente percebi que tôdas as meninas sentadas à mesa tinham nascido pelas mãos dêle. Mesmo assim, cada uma de nós tomou o elogio para si.

Minha primeira visão objetiva de Doc eu a tive quando, já fazendo o curso superior em outra cidade, vim passar uns feriados em casa. Visitando seu consultório, notei-lhe o hábito de mergulhar o termômetro no álcool, depois enxugá-lo na gravata antes de colocá-lo na bôca do cliente; notei também que êle permitia que Tom, o seu gatão rajado, dormisse na incubadora dos recém-nascidos, quando essa não estava em uso. Mas —e daí? Ninguém adoeceu com os micróbios da gravata de Doc, e nenhum bebê jamais objetou a que Tom usasse a incubadora.

Fiz algumas visitas com Doc pelas vizinhanças, mas agora êle tinha um nôvo sistema de prioridade: qualquer estudante de Medicina que estivesse de férias na cidade tinha os primeiros direitos. Dez rapazes de Ellendale, pelo menos, estavam-se tornando, ou se tinham tornado, médicos por causa do exemplo de Doc —e freqüentemente com a sua ajuda financeira. Um dêsses estudantes, naquele outono, era Kenneth Leiby. Certa manhã eu estava conversando com a mãe de Ken, quando o carro

de Doc desceu a rua. Ken estava sentado ao seu lado, no carro, tendo no rosto uma expressão triunfante. O próprio Doc disfarçava um sorriso misterioso. Ken saltou e veio correndo ter conosco.

—Sabem o que aconteceu?—exclamou êle.—Fomos ver um caso de obstetrícia a uns 80 quilômetros daqui, e ela deu à luz por volta das seis da manhã. Pois bem, Doc estava segurando o recém-nascido pelos calcanhares e dando-lhe umas palmadinhas para fazê-lo respirar quando, de repente, se vira para mim e diz: “Eu já apanhei o meu, agora você apanhe o seu.” E não é que ela estava tendo gêmeos!—e eu fiz o parto de um! Que acham *disso*?

Achamos que era formidável, e ninguém se sentiu mais orgulhoso do que Doc.

Terminados os meus estudos caseiros e, em 1943, meu marido partiu para a guerra deixando-me grávida, em Nova York. Fui consultar um ginecologista eficiente, imaculado, com enfermeira engomada e aparelhos reluzentes, e odiei tudo aquilo. Queria era um consultório velho e entulhado, em cima de uma garagem. Voltei para minha cidade. Doc Lynde me pusera no mundo, e meu filho também nasceu com êle. Estando meu marido ausente, tive uma reconfortante sensação de continuidade da vida.

Quando se precisava dêle, Doc estava sempre presente. Uma tarde em que meu pai trabalhava no jardim, teve um ataque de coração. Em

minutos Doc estava em nossa casa, e, dessa vez, não houve brincadeiras.

—Vá à oficina e diga a Alvin que traga o tanque de oxigênio, o que temos usado para soldar molas partidas—ordenou-me êle bruscamente.

Quando voltamos com o tanque, vimos que Doc e mamãe haviam improvisado uma tenda com lençóis amarrados às quatro colunas da cama e presos com alfinêtes ao colchão. Êle introduziu a válvula do tanque de oxigênio sob os lençóis e, com a mão, pôs-se a ligá-lo e desligá-lo. Êsse arranjo de emergência necessitava de uma atenção constante durante quatro horas seguidas e Doc ficou assim trabalhando de joelhos. Salvou a vida de papai. Era essa a espécie de dedicação que êle proporcionava a todo homem, mulher ou criança doente daquela zona.

Apesar de outros colapsos cardíacos, meu pai viveu mais nove anos de vida ativa. Depois, nem mesmo Doc Lynde pôde fazer mais nada. Após o entêrro de meu pai, a família voltou para o desolamento de uma casa vazia. Sentamo-nos, cada um suportando o pesado fardo daquela perda. Súbitamente Doc surgiu na calçada. Entrou animadamente na sala, atirou o chapéu e o casaco a um canto e disse:

—Foi uma beleza o sermão do ministro sôbre Fred, vocês não acharam?

O sermão baseara-se em *São Timóteo*: “Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé.”

—Isso vocês não podem negar—

disse Doc sorrindo para nós.—Fred teve alguns bons combates.

Meu pai fôra realmente um homem voluntarioso, um individualista ferrenho. Doc começou, então, a recordar-lhe as façanhas políticas e legais mais notáveis, e começamos a sorrir e depois a rir. Logo nos deixamos envolver pelas esplêndidas e reconfortantes recordações de meu pai em vida. E assim Doc ajudou-nos a vencer aquêle primeiro dia sem que ao menos percebêssemos que estávamos sendo seus pacientes, aos quais êle receitava o poderoso remédio das boas recordações.

Nossa cidade levou muito tempo para descobrir que Doc estava ficando velho. De tal modo fazia êle parte de nossas vidas cotidianas, que não notávamos o lento acúmulo de rugas no seu rosto, ou suas pausas cada vez mais freqüentes para recuperar o fôlego. Era duro encarar o fato de que algum dia a luz que nos guiava no andar de cima da garagem se extinguiria.

De repente, todos nós quisemos expressar a Doc o que sentíamos por êle. Mas como? Foi então que alguém sugeriu uma festa de surpresa no seu 76.º aniversário. Nessa tarde, levaram-no a dar um passeio de automóvel. Quando o carro se aproximou da universidade Doc viu as balizas paradas junto à entrada do estádio de ginástica e exclamou:

—Diabo, será que esqueci algum jôgo?

Seu companheiro sugeriu que parassem e fôssem ver de que se trata-

va. Quando Doc desceu do carro, viu-se cercado pelas balizas, que o escoltaram. Um clamor se ergueu dos habitantes dos Condados de Ellendale e Dickey, e então a multidão entoou um “Parabéns Para Você”. Doc pareceu aturdido, olhou para trás como para fugir, mas as balizas estavam entre êle e a porta. Com um sorriso encabulado no rosto curtido pelo sol, êle tomou o lugar de honra na mesa principal.

Houve brincadeiras, discursos e presentes. Dr. Kenneth Leiby, o estudante que ajudara Doc no parto dos gêmeos e que agora era um clínico de renome em outra cidade, encomendara um grande retrato a óleo de Doc, reproduzido de fotografias, que presenteou à comunidade na ocasião.

A certa altura o encarregado dos brindes disse:

—Sendo Doc solteiro, naturalmente não tem filhos.

—Eu sou filho de Doc—berrou um garotinho de três anos, dando pulos.

—Eu sou filha de Doc—gritou uma jovem mãe de família, pondo-se de pé.

—Eu sou filho de Doc!—exclamou num vozeirão o redator do jornal, erguendo-se.

Uma por uma, as pessoas se identificaram e logo uma quantidade de gente ficou de pé. Olhavam para Doc e êle os olhou por sua vez e de repente seu queixo pôs-se a tremer. Tínhamos encontrado um modo de agradecer-lhe. A nossa própria exis-

tência era o nosso tributo àquelas mãos competentes e carinhosas.

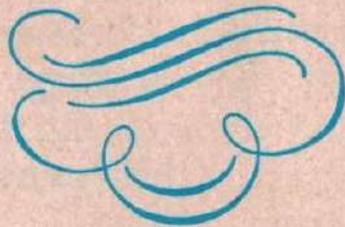
Temos procurado homenagear Doc de outras maneiras. Construimos no hospital da cidade o Berçário Dr. Roy Lynde. No 50.º aniversário do dia em que êle iniciara a carreira médica, depois de formar-se pela Universidade de Minesota, decretamos feriado cívico com parada e jôgo de basebol, durante o qual foi batizado o Campo Atlético Dr. Roy Lynde.

Êle está hoje com 86 anos. A poeira no seu consultório não é mais sacudida, pois os seus instrumentos são agora relíquias do passado. Quando sai da oficina para ir jantar no restaurante, caminha muito lentamente e, se acaso tropeça, uma dúzia de pessoas correm para ajudá-lo. Cada noite, um vizinho diferente vai verificar se está tudo bem com êle. Du-

rante a semana a população de Ellendale desfila diante de sua cadeira na garagem, só para dizer: "Alô, Doc!" A poderosa fôrça do amor, que êle distribuiu a outros durante anos, retorna agora para cercá-lo de proteção.

Olho para êle e penso em tôdas as criaturas doentes que amparou nos seus braços, nas contas que esqueceu de cobrar, nas brincadeiras de que riu, nas crianças que mimou, nas boas ações que escondeu. E penso nas riquezas que êle trouxe à nossa cidade. Cada um de nós tentou ser um pouco semelhante a Doc. Nenhum de nós o conseguiu totalmente. Temos, porém, mais compreensão, generosidade e amor do que teríamos se êle não houvesse vivido entre nós.

Poderia um homem realizar mais?



OEMBAIXADOR dos Estados Unidos no Japão, Douglas MacArthur II, foi conselheiro do Departamento de Estado quando John Foster Dulles era secretário. MacArthur é um grande trabalhador. Uma vez Dulles telefonou para a casa dêle para lhe falar, e a Sr.^a MacArthur, pensando que fôsse um auxiliar do marido que estivesse telefonando, respondeu sêca e irritadamente:

—MacArthur está onde MacArthur sempre está, nos dias de semana, aos sábados, domingos e à noite: *aí, nesse gabinetel*

Poucos minutos depois MacArthur recebeu pelo telefone uma ordem de Dulles:

—Vá para casa imediatamente, rapaz. Sua frente doméstica está se desagregando.